

Diversos sentidos de «morte» nas epístolas de Paulo

RUSSELL SHEDD

Se o nascimento é a maior potencialidade e o casamento a maior aventura, a morte é indiscutivelmente o maior mistério. A cessação de vida neste mundo para passar ao mundo além, é verdadeiramente um mistério. Mas para muitos é igualmente oculta a significação que devemos atribuir aos termos relacionados com a morte no Novo Testamento, termos esses que não têm em vista o término literal da vida. Um dos desafios de estudo sério da Bíblia é definir claramente o sentido de vocábulos no seu contexto. É claro que a mensagem do Evangelho era de tal modo nova e radical que foi necessário aos escritores do Novo Testamento dar novas conotações a certas palavras comuns. Tratando das novas dimensões da nova vida em Cristo (note que a “vida eterna” é uma realidade presente, Jo 3:36), não é surpreendente que a morte venha ter novas significações também. Nas Cartas de Paulo encontramos pelo menos cinco delas sem tocar no caso da morte escatológica ou eterna, que em outras partes do Novo Testamento se denomina, “a segunda morte” (cf. Ap 2:11; 20:14; 21:8 etc.).

A Morte Literal

Enquanto Paulo enfrenta uma possível sentença de morte em

Roma (ou talvez em Éfeso), êle expressa a atitude Cristã diante da vida e da morte “Para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro” (Fil 1:21). Viver tem sòmente um objetivo, o engrandecimento de Cristo “no corpo”, enquanto a morte não deixa de ser desejável, uma vez que a libertação da vida neste mundo imediatamente significa “estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor” (Fil 1:23). A morte não é para lastimar nem temer. Simplesmente fornece a entrada para a nova ordem de vida incorruptível que Cristo agora tem, assegurando-a por nós na sua morte e ressurreição literais (I Cor 15:49,50).

A morte é a condenação e castigo da parte de Deus justo sòbre a rebelião humana (Rom. 5:12-14; cf. Gen 3:19); porém pela vitória de Cristo êste último inimigo tem sido totalmente transformado. Quando Êle conquistou a morte ressuscitando no terceiro dia, também removeu seu aguilhão de tal modo que a “morte foi tragada pela vitória” (I Cor 15:54,55; cf. Is 25:8). Do ponto de vista cristão, a morte jamais será mais trágica que um sono prolongado (I Tes 4:13); não significa mais que separação temporária dos amigos e familiares amados até a hora gloriosa de reunião (Ap 6:11; Rom 8:18-25; cf. Jo 11:4, 25,26).

Como ninguém teme a vinda do sono que recupera as fôrças e renova a vida para o dia nôvo, também o cristão morre, mas não lastimando êsse acontecimento. Nem os amados se devem entristecer (I Tes 4:13) e nem os perseguidores se devem alegrar com a morte dos justos, porque a morte é o caminho da vitória. No lugar de separar-nos do amor de Deus, nos une mais a Êle ainda (Rom 8:36-39).

Mortos enquanto vivem

Uma vez que a vida tem sua única fonte em Deus e continua a ser "vida em relação com Deus", não é de admirar que encontramos o pensamento que encara a vida sem Deus como morte. Desde o dia em que Adão se rebelou, a morte "reina" efetivamente separando o homem no seu pecado do Deus santo (cf. Rom 5:14 com Gen 2:17). Morte vem a ser uma esfera ou estado em que se encontram todos os que "estão em Adão" (como uma personalidade incorporada nos seus filhos). "Todos em Adão morrem" (I Cor 15:22, *apothneskousin*) justamente porque pecaram em Adão, seu representante realístico (Rom. 5:12; note o aoristo, *hemarton*) e porque continuam voluntariamente a pecar da mesma maneira (Rom 7:10,11).

Paulo afirma claramente que estar sem Cristo significa estar morto em transgressões e pecados (Ef 2:1-5; Col 2:13). Assim como o pecador israelita na economia do Velho Testamento que transgrediu, foi cortado do Povo (significando

excomunhão ou pena de morte, Lev 23:29-30), no Nôvo Testamento o transgressor da lei de Deus já está julgado, cortado da fonte de vida em Deus e portanto morto. Por isso encontramos em I Tim 5:6 que uma viúva "que se entrega aos prazeres mesmo viva, está morta (*tethneken*, lit. "já morreu"). Será que Cristo queria referir-se a esta mesma separação que é morte quando declarou que Sua Igreja, vitoriosa e firmemente fundada sobre a Rocha, arrebataria almas do "inferno" (lit. *Hades* que equivale ao termo heb. *Seol*, isto é "morte") (Mat 16:18; cf. I Pedro 2:4,5)?

A Morte de Cristo incluindo todos os seus em solidariedade

O fato central da tradição do evangelho é "que Cristo morreu pelos nossos pecados" (I Cor 15:3,4). Mas não devemos pensar que Sua morte era simplesmente individual. A justiça de Deus que foi satisfeita na colocação dos nossos pecados sobre Cristo, o inocente Servo Sofredor de Yahweh (Is 53:6), é explicada em II Cor 5:14 pela declaração que quando "um morrer por todos, logo todos morreram (panton apethanen)". Aqui o pensamento é claro, que vê a Cristo como o representante realístico de todos que fazem parte do Seu Povo, sendo que todos êles são incluídos n'Êle. É neste sentido que Cristo é nosso Advogado (I Jo 2:1; note que esta passagem passa imediatamente a tratar sobre sua morte pelo pecado) e Sumo Sacerdote (tema principal da epístola aos Hebreus).

Todos os eleitos que Deus es-

colheu “antes da fundação do mundo” (Ef 1:4) compartilharam no ato supremo de obediência em que Cristo ofereceu Sua vida na cruz numa sexta-feira de Abril de 30 A.D.. O pecado original em Adão é anulado na obediência perfeita de Cristo (Rom. 5:12,19). É neste sentido que Paulo fala sôbre a nossa libertação da lei “por meio do corpo de Cristo” (Rom 7:4) e de nosso aperfeiçoamento provido na Sua circuncisão “no despojamento do corpo da carne (Col 2:10,11). Ele nos reconciliou no corpo de sua carne mediante a morte (Col 1:22), sendo que os filhos de Deus de tôdas as gerações que fazem parte do seu Corpo ressuscitado, também foram incluídos no Seu corpo imolado na cruz. A declaração vitoriosa do Apóstolo é compreensível, “Mas vós sois dêle, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou da parte de Deus sabedoria, e justiça, e santificação e redenção (I Cor 1:30).

A Morte Simbólica pelo Batismo

Há ainda um outro sentido dado ao conceito da morte que às vêzes é difícil de distinguir da morte de Cristo que inclui todos os remidos. Em Romanos 6 encontramos a passagem chave sôbre o batismo que vem a ser equiparado com a morte e sepultamento. “Porventura ignorais que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados em Sua morte? Fomos pois sepultados com êle na morte pelo batismo” (vs. 3,4). Mais adiante Paulo se refere ao batismo (por imersão que efetivamente simboliza

“uma verdadeira ameaça à vida” no pensamento de K. Barth) como uma união com Cristo na semelhança de Sua morte (v. 5). Compreende-se que esta morte (e ressurreição subsequente) sômente é possível mediante a fé (Col 2:12). O batismo é mais que simplesmente obedecer o mandamento de Cristo (Mat 28:19) é uma declaração confessional que identifica o crente com o seu Senhor e Salvador crucificado e ressurreto. O verdadeiro discípulo nega a si mesmo, toma a sua cruz (simbolizada no batismo que identifica para sempre com Cristo, (Rom 6:6) e segue nos seus passos (I Pe 2:21).

O significado desta morte única, simbolizada no batismo, é claramente desvendada em Romanos 6: marca o fim do domínio do pecado numa vida entregue a carnalidade, sendo que o crente já morreu “aos pecados” (vs. 2; I Pe 2:24); significa a destruição do “velho homem” que antigamente era escravo do pecado (vs. 6); no lado positivo significa nova vida que não é menos que a vida de Cristo ativada no cristão pela fé (Gal 2:20; II Cor 5:17) e mais ainda garante a ressurreição quando Cristo voltar (Col 2:20; 3:1-4).

A Morte Diária do Crente

“Dia após dia morro” (I Cor 15:31) reflete os perigos diários que Paulo atravessou na sua vida depois de ter perdido tôdas as coisas para ganhar a Cristo (Fil 3:8). Mas não é isto que o grande Apóstolo quer dizer quando êle exorta os Colossenses: “Fazei morrer a vossa natureza terrena”

(3:5). Neste quinto sentido dado ao vocábulo “morte”, está em vista a realização daquilo na vida prática que é verdadeiro na vida forense do cristão. “oculta juntamente com Cristo” nos lugares celestiais (Col 3:3; Ef 1:3). O contraste é total. Antes da conversão o homem se encontrava “morto em delitos e pecados”, mas após a sua morte e ressurreição com Cristo êle precisa morrer *para* ou *aos* pecados (I Pe 2:24; Rom 6:11). Despojando (a mesma palavra que Paulo usa para descrever a morte de Cristo, Col 2:11) os feitos e obras da carne como “prostituição, impureza, paixão, lascívia, desejo maligno, avareza, ira, indignação, maldade, maledicência, linguagem obscena” etc. (Col 3:5-8) por separação dêles, é possível o revestimento do “nôvo homem” segundo a imagem de Cristo. Diariamente e ainda tôda hora, é necessário considerar-nos mortos para o pecado e vivos para Deus em Jesus Cristo (Rom 6:11). À medida que cortamos relações com a carne, deixando de obedecer suas paixões, somos habilitados a oferecer-nos a Deus “como ressurretos dentre os mortos” (Rom 6:12,31).

Como todo crente honesto sabe, esta relegação à morte de tôdas as inclinações ao pecado, não é possível simples e puramente por auto-esfôrço. O Espírito Santo é realmente o único que nos pode “livrar da lei do pecado e da morte”, e seu salário (Rom 8:2). A maravilhosa verdade é que não estamos mais na carne (já que morremos com Cristo) mas no Espírito, sendo que o Espírito de Cristo habita em todos os seus

(Rom 8:9). Ao abrirmos o nosso coração ao Espírito deixando que Êle nos guie, a “santificação do Espírito” se tornará em realidade (Rom 8:14; I Pe 1:2).

Conclusão

Cristo é tudo para o crente porque Êle venceu o problema básico do homem na Sua vitória sôbre o pecado e a morte. É maravilhoso reconhecer que nos cinco sentidos de “morte” que tratamos acima, encontramos que Cristo venceu o grande inimigo do homem *en toto*.

- 1) Em Cristo a morte literal não passa em gravidade ao sono (I Tes 4:13 e segs.).
- 2) A separação de Deus, morte em delitos e pecados, é transformada por Cristo em vida caracterizada por justiça e santidade (cf. Ef 2:1,2 com I Cor 1:30).
- 3) Morte com Cristo garantiu participação na Sua ressurreição, presente (Col 3:1 e futura (I Pe 1:3)).
- 4) A morte simbólica no batismo externamente marca o fim da vida em Adão identificando o crente com a vida que é “Cristo em vós a esperança da glória” (Col 1:27; 3:1-3).
- 5) Morte diária, o despôjo das obras da carne (Col 3:5-9) possibilita a recriação da imagem de Deus destruída pelo pecado (Col 3:10).

E assim a morte, antes o grande inimigo, vem a ser, por nosso Senhor o amigo da alma que participa nela pela fé.